

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SOLANGE SOUZA DOS SANTOS

**INFLUÊNCIA FAMILIAR NO TRATAMENTO TERAPÊUTICO
DE PACIENTE PORTADOR DE TRANSTORNO MENTAL**

FLORIANÓPOLIS (SC)

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SOLANGE SOUZA DOS SANTOS

**INFLUÊNCIA FAMILIAR NO TRATAMENTO TERAPÊUTICO
DE PACIENTE PORTADOR DE TRANSTORNO MENTAL**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Opção Atenção Psicossocial do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista.

Profa. Orientadora: Luciana Regina Ferreira da Mata

FLORIANÓPOLIS (SC)

2014

FOLHA DE APROVAÇÃO

O trabalho intitulado **INFLUÊNCIA FAMILIAR NO TRATAMENTO TERAPÊUTICO DE PACIENTE PORTADOR DE TRANSTORNO MENTAL** de autoria do aluno **SOLANGE SOUZA DOS SANTOS** foi examinado e avaliado pela banca avaliadora, sendo considerado **APROVADO** no Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Área Atenção Psicossocial.

Profa. Dra. Luciana Regina Ferreira da Mata
Orientadora da Monografia

Profa. Dra. Vânia Marli Schubert Backes
Coordenadora do Curso

Profa. Dra. Flávia Regina Souza Ramos
Coordenadora de Monografia

FLORIANÓPOLIS (SC)
2014

Dedico esse trabalho de conclusão de curso aos meus familiares e amigos que nesse período de estudo me incentivaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e Meishu Sama pela oportunidade de crescimento profissional. Agradeço aos meus familiares em especial meu esposo Ricardo Luis Fonseca Dias por acreditarem em mim. As amigas Tatiana Gomes e Ana Paula Lourenço, e minha orientadora Luciana da Mata pelo incentivo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	2
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	4
3 MÉTODO.....	8
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
REFERÊNCIA	
ANEXO A.....	11

RESUMO

Estudo bibliográfico, descritivo que visa a Influência Familiar no Tratamento Terapêutico de Paciente Portador de Transtorno Mental. O interesse por esse estudo surgiu a partir da fragilidade das clientes observado na prática profissional da autora durante 04 anos de atuação em uma instituição psiquiátrica com usuárias internadas em longo prazo. Desenvolvido através de livros e artigos científicos a respeito do tema proposto. O objetivo desse trabalho é reunir informações importantes para facilitar/fortalecer a orientação, relação familiar, através da cartilha de sensibilização.

Palavra Chave: Família, enfermagem, saúde mental.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta constitui um projeto de sensibilização realizada no âmbito da finalização do Curso de Especialização em Linhas de Cuidado em Enfermagem – Atenção Psicossocial realizada na Universidade Federal de Santa Catarina. Escolhi como tema “ Influência Familiar no Tratamento Terapêutico de Paciente Portador de Transtorno Mental” a fim de despertar na família de indivíduos com transtorno mental sua importância elaborando uma cartilha de sensibilização a partir dos resultados encontrados nessa pesquisa. Como ponto de partida para essa investigação coloco a questão: “Qual a importância da família no tratamento terapêutico do portador de transtornos mentais? “

A cartilha é um material de orientação à saúde de suma importância, pois permite uma busca ativa do usuário fora do âmbito hospitalar e que deve ser neste caso fornecido aos familiares e portadores de transtorno mental respeitando sua vontade em recebê-la e utilizá-la é importante lembrar que como profissional de saúde é dever orientar / informar quanto aos cuidados à saúde a todos os clientes, porém devemos repetir quem deseja para si essas informações ou não.

Segundo Torres et al (2009) as cartilhas educativas permitem ao paciente e sua família uma leitura posterior, reforçando as informações orais, servindo como guia de orientações para casos de dúvidas e auxiliando nas tomadas de decisões do cotidiano.

Fonseca et AL (2004) afirma que ”acreditamos que os materiais didáticos dinamizam as atividades de Educação em Saúde, o que nos estimula a construí-los”.

Este estudo de revisão de literatura pretende contribuir para o conhecimento do profissional de saúde mental, familiares de portador de transtorno mental, acadêmicos da área de saúde por permitir levantar informações importantes a serem contempladas no material de sensibilização auxiliando no entendimento, funcionamento, apoio e conduta para com a família do cliente portador de transtorno mental visto que cada família tem sua singularidade, portanto é importante estar atento à individualidade e unicidade de cada cliente e família.

Entendo que a família é constituída por um grupo de pessoas de parentesco consanguíneo ou não, é considerada a base para a formação de indivíduo e é através dela que se passam as primeiras noções de afeto, de valores que formam o ser humano introduzindo-o assim na sociedade.

O impacto do diagnóstico de transtorno mental na família causa uma necessidade de mudança no seu funcionamento, portanto é de suma importância a problemática do transtorno mental no seio da família, pois com o adoecimento de um dos componentes, abala intensamente a estrutura representando uma fragilidade nesse sistema. O desamparo, a desesperança até mesmo as dificuldades do enfrentamento no dia a dia com o doente psíquico permite a desestruturação da família.

Outro aspecto relevante na falência dessa estrutura familiar é a cobrança pelo meio social onde vive o paciente com transtorno mental, essa mesma sociedade onde está inserido, que muitas vezes por medo, desconhecimento julga e condena a exclusão o doente titulado por ela como “louco”, pois passa a ser um risco e conseqüentemente a família do mesmo pelo estigma de tê-lo como um membro.

Como se tudo não bastasse: o diagnóstico, a mudança estrutural /emocional da família, o desamparo, a desesperança o indivíduo doente em sua família ainda sofrem com o julgamento social que os define o indivíduo como alguém incapaz, perdendo assim sua identidade e a família incapaz de formar um cidadão útil à sociedade.

Contudo, a carga psicológica que sofre a família do portador de transtorno mental leva a entender que não só o sofredor psíquico, mas a família também deve estar inserida nesse tratamento terapêutico para assim podermos acolher suas demandas e dificuldades e também como parceria na recuperação da identidade e no cuidado com seu familiar em questão.

Entendo que a família quando acolhida é revigorada, não se sente abandonada é fortalecida favorecendo um convívio com seu familiar mais próximo e constante e a sociedade necessita de esclarecimento sobre quem e, o que é e como lidar com o sofredor psíquico para assim vencer seus próprios pré-conceitos.

Acolher requer compreensão, disponibilidade, vínculo de confiança para que garanta a participação da família na construção do projeto terapêutico assim, sendo compreendidas são praticadas as ações traçadas e resultam no impacto positivo junto à recuperação da família e do doente mental.

Vejo então que o indivíduo portador de transtorno mental não é o único com problemas, pois a loucura afeta todo o seu contexto familiar e a sociedade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - Família no Processo Terapêutico do Portador de Transtorno Mental

Inicialmente precisamos entender o que é família, de acordo com Aurélio “pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos”.

De acordo com a antropologia, existem 3 tipos básicos de família: tradicional, nuclear e pós-moderna.

Ao meu entender família é um sistema constituído por um grupo de pessoas de parentesco consanguíneo ou não, é de onde se tem apoio, orientação, sentimentos como amor proteção, segurança, união e também aprendemos a cultivá-los. Cada família é um sistema único de culturas, regras de convivência, especificidade próprias e constroem uma história singular. É considerada a base para a formação de indivíduo e é através dela que se passam as primeiras noções de afeto, de valores que formam o ser humano introduzindo-o assim na sociedade, portanto a família tem fundamental papel na formação do ser humano.

Segundo Baptista (2011) “se reconhecemos a importância fundamental da família, base da sociedade e suporte primordial do indivíduo, quer material, quer afetivo, então sua funcionalidade ou disfunção poderá ter influência direta no indivíduo”.

Contudo, Schrank (2003) diz que: família é considerada como uma unidade básica de organização social sendo, neste ambiente que se constitui um indivíduo, portanto, para atingirmos a saúde do indivíduo. Ele não pode ser considerado isolado e, sim, dentro do contexto em que vive.

Todo esse sistema familiar estruturado é desarmado perante o adoecimento de um membro, pois surgem dúvida e insegurança, e a sobrecarga emocional aumenta perante o diagnóstico de transtorno mental.

Ainda de acordo com Batista (2011) “uma família se vê com um portador de transtorno mental no seu seio, toda sua estrutura sofre um abalo, na medida em que terá que procurar novas formas de funcionamento, tendo em vista o cuidado especial que a doença acarreta”.

É possível reconhecer a importância da família na vida do ser humano, pois sendo a família a base do ser humano é dela que o doente espera um apoio no processo de tratamento, porém esse papel no cuidado não é nada fácil, além da dúvida, insegurança, abalo emocional, surgem à culpa, incapacidade, sofrem preconceito social é excluído da sociedade e muitas das vezes ela não se

encontra preparada para tal situação, mostrando assim, um contexto familiar com problema necessitando ser acolhida.

Navarini (2008) diz que “para a família que é o alicerce fundamental das relações humanas, o fato de ter em seu núcleo um membro portador de transtorno mental ocasiona, para ambos, uma experiência crítica, avassaladora, que marca profundamente as suas vidas”.

Segundo Lima e Neto (embora não se possa reduzir a noção de exclusão à de pobreza, pois a primeira é bem mais ampla, apesar de intimamente articuladas, é preciso buscar condições que afirmem a inserção social do indivíduo portador de transtorno mental, pois todos independentes da sua condição socioeconômica devem ter sua dignidade humana respeitada” Completa ainda dizendo: deve-se romper com o com os mecanismos de segregação, já seculares, pelos quais os portadores de transtornos mentais são apartados, discriminados e excluídos.

Souza Et. Al. (2009) diz que é importante ressaltar que, muitas vezes, a família sente-se limitada para cuidar de seu familiar com transtorno psíquico e encontra dificuldade de se reunir, discutir e resolver seus problemas.

Cohen (2009) afirma que ser acometido por um problema psíquico não pode mais ser um motivo de exclusão social, vergonha ou sentimento de inferioridade.

De acordo com o novo paradigma de cuidado em saúde mental a família é de suma importância no tratamento do portador de transtorno mental, passa a ser um verdadeiro aliado na participação de construção do processo terapêutico garantindo a aceitação do seu familiar portador de diagnóstico de doença mental ao tratamento.

Segundo Navarini (2008) nos serviços que operam no contexto da Reforma Psiquiátrica, observa-se a necessidade de a família estar ao lado do portador de transtorno mental, modificando comportamentos, aprendendo formas de manejo e interagindo com a equipe.

Rosa (2005) afirma que a reforma redireciona o paciente para o cuidado integral em serviços abertos, comunitário, que preservam os vínculos sociais e os direitos da família.

É importante ressaltar que a família é fundamental em todas as fases do processo terapêutico, é ela quem vai explicar suas dificuldades, desejos, anseios, fragilidades e junto com a equipe de saúde irá tratar o quadro de doença do ser humano com sofrimento mental ao mesmo tempo em que se trata.

Segundo Rosa (2005) os familiares/cuidadores, em geral, trazem para os profissionais e serviços de saúde, além da crise psiquiátrica, todos os problemas existências.

De acordo com Fernandes (2012) há necessidade de se conhecer a realidade das famílias nas quais se pretende manter ou reinserir o doente mental, na tentativa de resgatar sua subjetividade e cidadania, para que possamos contribuir efetivamente através de estratégia que facilitem o processo de reintegração familiar e social do portador de transtorno mental.

2.2 – Processo Terapêutico

Quando se fala em processo terapêutico entendo que é buscar a construção de novas práticas assistenciais exercida pela equipe multidisciplinar, onde o indivíduo portador de transtorno psíquico é inserido e possa ser participante ativo e responsável o qual o cliente é estimulado a assumir nesse processo.

Schrank (2003) discursa estas estratégias são serviços com propostas terapêuticas inovadoras, ancoradas nos paradigmas da interdisciplinaridade, da reabilitação psicossocial, do resgate a cidadania e da multiplicidade de formas de intervenção sobre a doença mental.

Mediante a Reforma Psiquiátrica, transformações vêm ocorrendo e exige da equipe de saúde mais precisamente enfermagem psiquiátrica atualizações para acompanhar as mudanças, pois seu papel nesse momento de processo terapêutico é de reabilitação do portador de transtorno psíquico.

Lima et al cita que o papel do enfermeiro psiquiátrico é o de agente terapêutico e suas ações tem base no relacionamento estabelecido com a pessoa em sofrimento psíquico que assiste e entendido como relação terapêutica”

Segundo Campos e Barros (2000) a prática da enfermeira, neste contexto, deve ser criativa, flexível, com finalidade de possibilitar aumento de habilidades, de autonomia do usuário do serviço de atenção à saúde mental, não mais voltada exclusivamente à remissão de sintomas.

Nesse momento de construção do processo terapêutico a família é requisitada como parceira no cuidado ao doente é necessário que o profissional de saúde fortaleça um relacionamento de confiança, respeito baseada na escuta, valorização da família de forma humanizada, acolhimento, para que o vínculo seja formado e garanta a participação da família e conseqüentemente a aceitação ao tratamento do doente com sofrimento mental respeitando seus limites.

De acordo com Paulo Freire (2006) o respeito à autonomia e à dignidade de cada um è um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros

Navarini (2008) aborda que “os profissionais de saúde devem refletir sobre suas intervenções junto ao portador de transtorno mental e seus familiares e identificar as necessidades desse grupo”.

3 - METODOLOGIA

O presente estudo é uma reflexão crítica baseada no interesse de compreender a importância da família para o tratamento terapêutico do portador de transtorno mental, através de um aprofundamento teórico realizado após uma pesquisa bibliográfica gerar novos conhecimentos visando uma melhoria assistencial, portanto entendo que o produto é um recurso tecnológico ou material educativo.

Proponho como intervenção uma padronização na conduta assistencial de enfermagem e na recepção a família do portador com transtorno mental através de uma cartilha de sensibilização, sendo então um tipo de produto considerado uma tecnologia de educação.

Para o desenvolvimento do material didático o primeiro passo foi o levantamento bibliográfico através de artigos científicos e livros especializados, realizou-se leitura crítica a fim de identificar informações pertinentes que pudessem estabelecer relação na problemática a ser desenvolvida, definindo conceitos e cuidados importantes que se seguidos podem contribuir para um bom relacionamento entre família e o doente psíquico, nesse momento há uma reflexão sobre ações que possam auxiliar nesse relacionamento.

A seguir, realizar a transformação da linguagem das informações colhidas na literatura. É de suma importância essa etapa visto que mensagens que sejam coerentes com o público alvo de fácil leitura, convidativa, ilustrativa irá favorecer o entendimento de todas as camadas da sociedade.

O material didático precisa ser objetivo, de fácil compreensão, e conter informações não muito extensa, mas significativa então ainda nesse momento, faz-se necessário selecionar quais informações são realmente importantes para constar nesse material.

Qualificação: Echer (2005) diz que essa é a fase de avaliação do material construído. Essa etapa é realizada através de 3 fases distintas onde profissionais de saúde especializado em educação de pacientes em áreas afins, a de pacientes individuais e a de grupos de pacientes nesse caso de saúde mental avaliam.

Etapa importante tanto quanto as outras assim entendo, pois permite a avaliação de pessoas diferentes com qualificações diferentes e a adequação do material, ou seja, avaliação do que realmente consta no material, do que não foi compreendido, o que se escreveu e o que é

entendido e como é entendido. Sendo assim, segundo Echer (2005) com todas as etapas seguidas, chega-se ao objetivo do material didático construído.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas literaturas consultadas a família é citada como parte imprescindível para o restabelecimento da saúde de um indivíduo e há necessidade de orientações/esclarecimentos sobre o enfrentamento com os problemas sociais, econômicos, culturais relacionados à doença mental e até mesmo relacionamento com o doente mental.

A pesquisa demonstrou que a cartilha, que é um material escrito de orientação, é de grande contribuição para a pesquisadora, profissionais de saúde, acadêmicos, familiares e o próprio portador de transtorno mental visto que potencializa a família, instiga a equipe multidisciplinar no relacionamento com a família do doente mental e a linguagem acessível, informações relevantes, ilustrações tornam a cartilha mais interessante e estimulante facilitando o entendimento, promovendo a autonomia do paciente, adesão dos familiares e profissionais de saúde mais preparados para lidar com os familiares.

Entendo então que a cartilha é mais do que um aglomerado de informações, mas sim um aliado educacional.

ANEXO A**Influencia Familiar no Tratamento Terapêutico de Paciente
Portador de Transtorno Mental**

Influencia Familiar no Tratamento Terapêutico de Paciente Portador de Transtorno

CARTILHA DE ORIENTAÇÃO EM SAÚDE MENTAL.

MAIO/2014

ÍNDICE

Apresentação

Família no processo terapêutico do portador de transtorno mental

Processo Terapêutico

Considerações Finais

Bibliografia

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que a autora oferece à comunidade esta cartilha que tem principal objetivo reunir informações importantes para facilitar/fortalecer a orientação, relação familiar.

Aqui você encontra explicação sobre Família no processo terapêutico do portador de transtorno mental e o que é Processo Terapêutico.

Essa cartilha contribui para o conhecimento do profissional de saúde mental, familiares de portador de transtorno mental, acadêmicos da área de saúde para a sociedade de um modo geral que sempre que tiver oportunidade, poderá das informações.

1-Família no Processo Terapêutico do Portador de Transtorno Mental

Inicialmente precisamos entender o que é família, de acordo com Aurélio "pessoas aparentadas que vivem na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos". De acordo com a antropologia, existem 3 tipos básicos de família: tradicional, nuclear e pós-moderna.

Ao meu entender família é um sistema constituído por um grupo de pessoas de parentesco consanguíneo ou não, é de onde se tem apoio, orientação, sentimentos como amor proteção, segurança, união e também aprendemos a cultivá-los. Cada família é um sistema único de culturas, regras de convivência, especificidade próprias e constroem uma história singular. É considerada a base para a formação de indivíduo e é através dela que se passam as primeiras noções de afeto, de valores que formam o ser humano introduzindo-o assim na sociedade, portanto a família tem fundamental papel na formação do ser humano.



De acordo com o novo paradigma de cuidado em saúde mental a família é de suma importância no tratamento do portador de transtorno mental, passa a ser um verdadeiro aliado na participação de construção do processo terapêutico garantindo a aceitação do seu familiar portador de diagnóstico de doença mental ao tratamento. É importante ressaltar que a família é fundamental em todas as fases do processo terapêutico, é ela quem vai explicar suas dificuldades, desejos, anseios, fragilidades e junto com a equipe de

saúde irá tratar o quadro de doença do ser humano com sofrimento mental ao mesmo tempo em que se trata.

2-Processo Terapêutico

Quando se fala em processo terapêutico entendo que é buscar a construção de novas práticas assistenciais exercida pela equipe multidisciplinar, onde o indivíduo portador de transtorno psíquico é inserido e possa ser participante ativo e responsável o qual o cliente é estimulado a assumir nesse processo.



Nesse momento de construção do processo terapêutico a família é requisitada como parceira no cuidado ao doente é necessário que o profissional de saúde fortaleça um relacionamento de confiança, respeito baseada na escuta, valorização da família de forma humanizada, acolhimento, para que o vínculo seja formado e garanta a participação da família e conseqüentemente a aceitação ao tratamento do doente com sofrimento mental respeitando seus limites.





Considerações Finais

Nas literaturas consultadas a família é citada como parte imprescindível para o restabelecimento da saúde de um indivíduo e há necessidade de orientações/esclarecimentos sobre o enfrentamento com os problemas sociais, econômicos, culturais relacionados à doença mental e até mesmo relacionamento com o doente mental.

Referências

Batista, A.P. - A integração do portador de Transtorno Mental na Família, **Universidade Jean Piaget de Carbo Verde**, Ago 2011, Disponível em:
<http://bdigital.cv.unipiaget.org:8080/jspui/handle/10964/284>.

BORBA, L.O. - Vivência Familiar De Tratamento Da Pessoa Com Transtorno Mental Em Face Da Reforma Psiquiátrica - Curitiba 2010, Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24485>

CAMPOS, C.M.S.; BARROS, S. Reflexões sobre o processo de cuidar da enfermagem em saúde mental. Rev.Esc.Enf. USP, v.34, n.3, p. 271-6, set. 2000

Cirilo, L.S. Novos Tempos: Saúde Mental, CAPS e cidadania no discurso de usuários e familiares. **Universidade Estadual da Paraíba** - Campina Grande 2006. Disponível em:
http://bdtd.uepb.edu.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-08-07T102615Z-55/Publico/LiviaSalesCirilo.pdf

Cohen, C.; Salgado, M.T.M. - Reflexão sobre a autonomia civil das pessoas portadoras de transtornos mentais, **Revista Bioética** 2009 17 (2): 221 - 235

Echer Fernandes, M.A. et. al. - Reforma psiquiátrica: percepção de família do portador de transtorno mental. **Revista Interdisciplinar UNINOVAFAPI**, Teresina. v.5, n.3, p.21-25, Jul-Ago-Set. 2012. ISSN 1983-9413

Fonseca Franco, R.F. A Experiência De Familiares Nos Cuidados E Na Convivência Com Portadores De Transtornos Mentais No Contexto Da

Mini-Aurélio; - O Dicionário da Língua Portuguesa: **Sexta Edição Revisada e Atualizada**. Editora Positivo, Curitiba Fev2006.

Reforma Psiquiátrica. **Universidade Federal De Minas Gerais**. Belo Horizonte 2002

Freire Grigolo, T.M. - 'Dizem que sou louco': um estudo sobre identidade e instituição psiquiátrica. **Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Edição Esp. Temática**, p. 95-119, 2000.

**PORQUE SAÚDE NÃO SE VENDE.
LOUCO NÃO SE PRENDE.
QUEM TA DOENTE É O SISTEMA SOCIAL!**



REFERÊNCIAS:

Batista, A.P. - A integração do portador de Transtorno Mental na Família, **Universidade Jean Piaget de Carbo Verde**, Ago 2011, Disponível em: <http://bdigital.cv.unipiaget.org:8080/jspui/handle/10964/284>

BORBA, L.O. - Vivência Familiar De Tratamento Da Pessoa Com Transtorno Mental Em Face Da Reforma Psiquiátrica – Curitiba 2010, Disponível em: <http://hdl.handle.net/1884/24485>

CAMPOS, C.M.S.; BARROS, S. Reflexões sobre o processo de cuidar da enfermagem em saúde mental. **Rev.Esc.Enf. USP**, v.34, n.3, p. 271-6, set. 2000

Cirilo, L.S. Novos Tempos: Saúde Mental, CAPS e cidadania no discurso de usuários e familiares. **Universidade Estadual da Paraíba** - Campina Grande 2006. Disponível em: http://bdtd.uepb.edu.br/tde_arquivos/1/TDE-2009-08-07T102615Z-55/Publico/LiviaSalesCirilo.pdf

Cohen, C.; Salgado, M.T.M. - Reflexão sobre a autonomia civil das pessoas portadoras de transtornos mentais, **Revista Bioética** 2009 17 (2): 221 – 235.

Echer IC. Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde. **Rev Lat Am Enfermagem**. 2005; 13(5):754-7.

Fernandes, M.A. et. al. – Reforma psiquiátrica: percepção de família do portador de transtorno mental. **Revista Interdisciplinar UNINOVAFAPI**, Teresina. v.5, n.3, p.21-25, Jul-Ago-Set. 2012. ISSN 1983-9413

Fonseca LMM, Scochi CGS, Rocha SMMR, Leite AM. Cartilha educativa para orientação materna sobre os cuidados com o bebê prematuro. **Rev Lat Am Enfermagem**. 2004; 12(1):65-75.

Franco, R.F. A Experiência De Familiares Nos Cuidados E Na Convivência Com Portadores De Transtornos Mentais No Contexto Da Reforma Psiquiátrica. **Universidade Federal De Minas Gerais**. Belo Horizonte 2002

Freire, P.; **Pedagogia da Autonomia**- Saberes Necessários à Prática Educativa. 33ª Edição, pág. 62. Editora Paz e Terra S/A – São Paulo 2006.

Grigolo, T.M. - 'Dizem que sou louco': um estudo sobre identidade e instituição psiquiátrica. **Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, Edição Esp. Temática**, p. 95-119, 2000.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/view/25765/22562>

Lima, R.V.M; Pedrão, L.J; Gonçalves, J.G; Luis, M.A.V. - Papéis, Conflitos E Gratificações Do Enfermeiro De Serviços Abertos De Assistência Psiquiátrica. **Rev. Eletr. Enf.** 2010;12(2):348-53. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v12/n2/v12n2a19.htm>.doi:10.5216/ree.v12i2.10358

Lima, V.B.O; Neto, J.R.C.B. - Reforma Psiquiátrica E Políticas Públicas De Saúde Mental No Brasil: Resgate Da Cidadania Das Pessoas Portadoras De Transtornos Mentais. **Universidade de Fortaleza – UNIFOR** Disponível em: http://www.fa7.edu.br/recursos/imagens/file/direito/ic2/vi_encontro/reforma_psiquiatica_e_politicas_publicas_de_saude_mental_no_brasil.pdf

Mini-Aurélio; - O Dicionário da Língua Portuguesa: **Sexta Edição Revisada e Atualizada**. Editora Positivo, Curitiba Fev2006.

Navarini, V; Hirdes, A. - A Família Do Portador De Transtorno Mental: Identificando Recursos Adaptativos, **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17(4): 680-8.

Pimenta, E.S. - A Relação Das Famílias No Tratamento Dos Portadores De Transtorno Mental Realizado No Centro De Atenção Psicossocial: Uma Perspectiva Institucionalista, - **PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS**, Mestrado em Psicologia, Belo Horizonte 2008.

Rosa, L.C.S. - A inclusão da família nos projetos terapêuticos dos serviços de saúde mental, **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 18, p. 205-218, dez. 2005

Santin,G; Teresinha, E.K. - A Família E O Cuidado Em Saúde Mental-**Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC** - Santa Cruz do Sul, n. 34, jan/jul. 2011

Schrank G, Kantorski LP. Ações de saúde mental desenvolvidas nos centros de atenção psicossocial voltadas à família do portador de transtorno psíquico. **Fam Saúde Desenv.** 2003 Set-Dez; 5(3):203-12.

Souza, M.D.S. et al. - A convivência em família com o portador de transtorno psíquico, **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2009;11(1):124-32. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/do_prevista/v11/n1/v11n1a16.htm.

Souza J, et AL. - Avaliação Do Funcionamento Familiar No Contexto Da Saúde Mental. **Núcleo de pesquisa em Psiquiatria Clínica e Psicopatologia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo (USP)**, Rev. Psiq. Clín. 2011;38(6):254-9

TORRES, H. C. et al . O processo de elaboração de cartilhas para orientação do autocuidado no programa educativo em Diabetes. **Rev. bras. enferm.**, Brasília , v. 62, n. 2, Abr. 2009 .